



## APLICAÇÃO DA SEMIÓTICA NARRATIVA EM DE SALA DE AULA (APPLICATION OF THE SEMIOTIC NARRATIVE IN THE CLASSROOM)

Adenil Alfeu Domingos (Unesp)

**ABSTRACT:** *the greimasian semiotic is a precious tool for the teacher in the classroom in order to provide competence to his students to produce and interpret the meanings. So, this article intends to give basic notions to whom wish to use this theory by distinguishing the subjects of enunciation from those ones who belong to the field of enunciate.*

**KEYWORDS:** *greimasian semiotics; enunciate; enunciation, sign.*

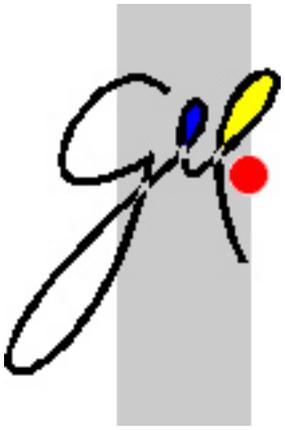
### 0. Introdução

A semiótica ainda não adentrou as salas de aula do ensino básico. Isso se deve, em parte, à falta de divulgação de suas bases filosóficas, de uma tradução mais eficiente de sua metalinguagem e de exercícios capazes de dar ao professor uma segurança de sua aplicabilidade. Tentar eliminar esses senões é papel do professor universitário. Este trabalho tem, portanto, essa finalidade: ser um instrumento de divulgação de alguns princípios básicos da semiótica, capazes de auxiliar o professor a entender essa teoria, já que ela é instrumento indispensável para ajudá-lo em leituras de quaisquer tipo de discurso, junto aos seus alunos, proporcionando-lhes uma competência semiótica em construir/desconstruir sentidos.

Para tanto, primeiro é preciso saber a etimologia do vocábulo "semiótica". Ele tem, em sua raiz grega "*sem*", a idéia de *sêma*, que nos deixou a idéia de sinal, como percebemos em semáforo, semântica, semiologia, etc. A primeira acepção do vocábulo "semiótica" referia-se à medicina como "estudos dos sinais faciais para diagnosticar doenças". Em sentido abrangente, hoje, ela se tornou a ciência dos signos.

Signo, por sua vez, viria da raiz hipotética grega *secnom* ( latim *signum* ), com a idéia de "recortar", "extrair parte de", como em secção, seccionar, sectário, etc. O signo, além de produtor de um recorte em um *continuum*, assimilou também a noção de "*semeion*" (de raiz grega "*sem*", sinal), como representante de um existente. Esse existente, no entanto, só pode estar presente em nós, como pensamento, em um determinado instante, sob um determinado ponto de vista. É que para pensarmos o universo, precisamos recortar o existente, transformando-o em signos. Assim, o simples ato de focalizar a materialidade de um objeto qualquer já é suficiente para criar um significante (ou expressão) para ser lido e atribuir-lhe um conteúdo ( significado), produzindo um signo. Até mesmo quando percebemos algo que, de imediato, não conseguimos decifrar, esse ato de não significar já é um significado. A semiótica desfaz, desse modo, o mito da leitura apenas das letras, para assegurar que tudo é passível de ser lido, já que tudo é signo para o homem.

A situação perceptiva, portanto, produz "imagens interiores", como elementos de compulsão, forçando-nos a atentar para suas singularidades. Essas imagens já são signos. A sua interpretação, por sua vez, só pode ser feita, também, com outros signos.



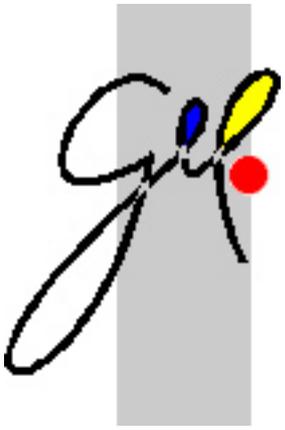
Desse modo, o signo é gerador, em seus usuários, de novos signos de modo infinito. Assim, ele sempre estará sempre subordinado a pontos de vista não só cultural, produto de uma práxis coletiva (o que permite a interação comunicacional), como também individual, produto das experiências de cada um em torno desse mesmo signo. É fácil depreender dessas afirmações que não há possibilidade de um processo de interação comunicativa com cem por cento de transferência de conteúdo entre dois usuários de um mesmo signo, já que as experiências individuais contaminam o signo com impressões próprias intransferíveis.

Perceber é minimizar. É por meios dos sentidos - visão, audição, tato, etc., construímos "imagens" redutoras dos objetos, como produtos semióticos, embora não tenhamos o poder de intuir algo conceptualmente não conhecido. Todo conhecimento, porém, é logicamente determinado por conhecimentos anteriores, projetando um conhecimento futuro. Assim, não há consciência objetiva de si mesma, mas um complexo jogo de relações entre o mundo exterior e interior do sujeito, em que tudo vira carne, no signo psíquico. Cada signo que cai em nosso mundo interior é como uma pedra caída na face de um lago calmo. Ela o agita e produz círculos concêntricos, interligados com o ali "já existente", dando origem, então, a interpretação, ou seja, a novos signos.

A semiótica de linha francesa propôs-se a trabalhar, não propriamente com os signos, mas ir além ou ficar aquém dos mesmos, a fim de descobrir como se produz o sentido, ou seja, como o que diz, diz o que diz. Ela não descartou que os significantes são portadores de significados, já que um não existe sem o outro. Aliás, continuou a assegurar que qualquer transformação naqueles provoca uma mudança nestes. Para ele, no entanto, uma pintura, por exemplo, não deve ser vista apenas um ícone, ou seja, uma simples imagem analógica da realidade, mas como um texto-ocorrência, resultado de um processo complexo de produção/interpretação de significações. Assim, o signo deixa de ser visto como simples unidade do plano de manifestação das linguagens, passando a ser um produto histórico de um uso e o discurso, por sua vez, produtor de efeitos de sentido, de real, de veridicção, sinestésicos, etc.. Tudo na linguagem é simulacro do mundo exterior, ou seja, ilusão de reprodução de um fenômeno. Na verdade, todo signo afirma ser o que na realidade não é: o existente que ele apenas representa.

É certo que o mundo exterior, sem a representação dos signos, seria um verdadeiro caos, simples manchas contínuas indefinidas e amorfas. Os signos recortam e classificam o universo transformando-o em linguagens de diferentes substâncias, e não apenas verbal. Muito além do dizível, há um perceptível que pode se tornar intelectível, sem os signos lingüísticos. É que o homem pensa, não porque faz uso da linguagem oral, mas sim, porque é capaz de trabalhar com todas as tipos de signos. Segundo a semiótica, portanto, os discursos não são simples codificação mecânica de linguagens sígnicas, como rótulos a ser colocados em objetos, ou imagens icônicas substitutivas dos objetos, mas signos convencionais e arbitrários, mesmo quando icônicos. Aliás, o próprio verbal é, antes de tudo, figura gráfica ou sonora, virtualidades que a linguagem poética soube explorar com eficácia.

Ao entender o signo como produto apenas psíquico, a semiótica recusou a noção empírica de **referente**. Entendeu que problemas epistemológicos da percepção/cognição são de responsabilidade de outras ciências, como a psicologia e a



filosofia e não de uma teoria da significação, propriamente dita, como a semiótica o é. O semioticista é um analista de signos discursivizados e trabalha, portanto, significações.

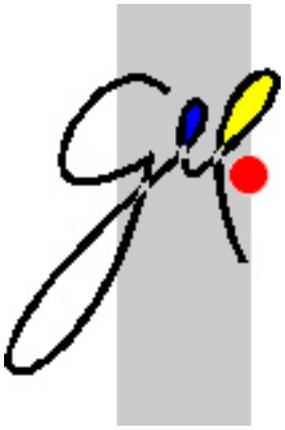
Acabou, ainda, por deixar de lado também, não só o problema da intenção autoral, premissa básica da teoria da comunicação, mas também, a análise das operações intelectuais que o texto provoca nos receptores, premissa básica da teoria da recepção, problemas mais afeitos a uma teoria psicanalítica. Do mesmo modo, o biográfico autoral, o contextual histórico de produção, quando não textualizados, devem ser objeto de análise de biógrafos e historiadores. Para a semiótica, o contexto só é válido como texto, em marcas no enunciado.

No eixo da produção do discurso, ou **enunciação**, interessa à semiótica, o **enunciador** (quem produz o enunciado) e o **enunciatário** (quem o interpreta), considerados como simulacros, respectivamente, do autor e do leitor. À semiótica, também, esse par de sujeitos são simples entidades discursivas **implícitas como marcas** no enunciado e não como sujeitos de carne e osso. O **enunciado**, como produto da enunciação, traz em si outras entidades discursivas. O **narrador** (aquele que conta um fato) e **narratário** (quem recebe o fato narrado), como **entidades explicitadas** no enunciado. Esse novo par de sujeitos também são entidades discursivas manipuladas pelo enunciador no momento de enunciação. O eu/ aqui/agora da instância da enunciatória, no entanto, também pode desempenhar, no enunciado, o papel de narrador, em discursos enunciativos, como um não/não aqui/não agora, mesmo em discursos em primeira pessoa. Tudo faz parte do jogo lingüístico, para criar a ilusão de que o discurso está no lugar do acontecido.

Essa semiótica se diz gerativa por apresentar a significação como produto, sem se preocupar com a sua gênese. Assim sendo, o discurso torna-se semelhante a uma massa folheada, em que só percebemos as camadas nele imbricadas se o desmontarmos para análise. A análise acaba por revelar um modelo canônico e universal de produção de discurso. A **produção** discursiva inicia-se sempre em uma idéia abstrata e simples, condensada em pares mínimos de pensamentos contrários e contraditórios, como valores axiológicos e taxionômicos, com nuances gradativas. Essa é a camada **profunda, ou semio-narrativa** dessa massa. Nesse mesmo nível ainda, há uma camada superficial, onde se situa uma espécie de gramática geradora dos discursos, ou seja, uma espécie de esqueleto comum a todos os discursos e não apenas à narrativa e que Greimas denominou narratividade, onde sujeitos e objetos encontram-se em estado de junção ( conjunção ou disjunção).

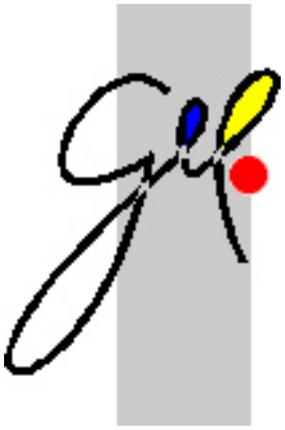
Quando um sujeito resolve tornar-se enunciador de um discurso, ele veste o esqueleto da camada profunda com figuras (ex. o cúpido) e temas ( ex. a idéia de amor), criando, assim, um outro nível, agora com apenas uma camada de superfície, chamado **nível discursivo**. Esta não pode ser confundida com a camada de superfície do nível profundo. Discursivizar, por conseguinte, não é um simples enunciar de um fato, mas sim, criar um jogo de linguagem, onde até o ponto de vista de um observador-enunciador é produto de signos. O nível discursivo é, assim, complexo, concreto e a camada superficial do discurso.

## 1. Aplicando a teoria



Tentamos aplicar esses princípios em um discurso verbal e, para isso, tomamos a "Carta ao Leitor" da Revista Veja, ( de 14 de Julho de 1999, p. 9)., cujo título é "*Ele virou diretor de cena*". De imediato, percebemos que estamos diante de um discurso sincrético, pois esse texto é composto por linguagem verbal e não verbal, que se amparam de modo complementar. Além disso, esse mesmo texto remete o leitor à capa dessa mesma revista e ao artigo das páginas 110 a 117, que se relacionam tematicamente. Interessa-nos, neste trabalho, porém, apenas o texto narrativo verbal da pág. 9. Sem a pretensão de esgotar sua análise, vamos nos limitar trabalhar os sujeitos da enunciação e do enunciado desse discurso.

O gênero de texto "carta" evidencia com mais clareza **os elementos do eixo da comunicação, o enunciador e o enunciatário**, como sujeitos implícitos no enunciado. Atentando para o percurso narrativo do **enunciador** inferimos desse texto que ele possui vários papéis actanciais. Sem esgotar todas as possibilidades, destacamos: 1° - **observador-focalizador** do acontecimento narrado, já que fala de um "ele" (Roberto R. Nejme), de modo enuncivo ( discurso em terceira pessoa). Seu olhar serve de filtro-câmera entre o acontecido e o relatado no discurso e o enunciatário só saberá o que passou por ele. 2° **sujeito pragmático, operador da ação comunicativa**: como condutor do discurso, esse eu enunciador se mostra competente linguisticamente para desempenhar a performance a que se propôs, produzindo um discurso coeso e coerente. 3° - **manipulador-destinador** ele se serve do discurso que produz para manipular seu enunciatário, tentando convencê-lo do que afirma. Desde que este aceite o contrato proposto pelo enunciador e creia no que lhe foi dito, seu discurso se torna meio de persuasão. Ele transmite, como efeito de sentido, o que o enunciador pensa sobre o que narra, de modo judicativo e ideológico. Isso pode ser notado pelo modo como o enunciador caracteriza o sujeito operador focalizado: "tem uma função de grande evidência", "é um mestre". A manipulação ideológica do enunciador sobre o enunciatário aparece no enunciado, principalmente na seleção e combinatoria de palavras, a fim de convencê seu enunciatário a tornar-se consumidor da Revista Veja, que ele representa nesse discurso, como voz delegada 4- **sujeito cognitivo**: sujeito competente e que o torna doador de um objeto de conhecimento que possui, tanto sobre as ações do sujeito operador, como também de seu próprio conhecimento sobre o trabalho desempenhado por esse sujeito, principalmente quando define "capista" 5° **informante** : sua narrativa demonstra que ele é possuidor de saberes que acredita o seu enunciatário não conheça, considerando-o como um leigo do assunto sobre o qual discursa. 6° - **Voz delegada**: o enunciador representa no texto a Revista Veja, e demonstra conhecimento além do narrado sobre os bastidores do que ali acontece, como em "na revista há quatro anos". 7° **narrador** do enunciado, já que é ele quem direciona o discurso fazendo as mudanças de focalização, por exemplo, quando deixa de falar do protagonista Roberto, para falar do que entende sobre a profissão de capista. 8° **delegador de voz**: durante a sua manipulação do discurso, a voz enunciativa deixando o protagonista do enunciado tomar a palavra e se tornar locutor, em discursos diretos marcados com aspas no enunciado. É mais uma artimanha do enunciador, na tentativa de criar efeitos de real, objetividade e verificação ao que está sendo dito. 9° **interlocutor**: no contacto que mantém com um interlocutário ( público-alvo) com o qual dialoga, mesmo idealizando-o apenas, ao pressupor a sua falta de saber sobre o que enuncia, esse enunciador é também um locutor do que pensa.



O **enunciário**, como receptor do discurso, acaba por, por inferência correlata aos papéis do enunciador, ser sujeito também de vários papéis actancias, ou seja; 1° - **observatório-focalizatório**: ao apreender o narrado, reproduz o ponto de vista do observador-narrador, reconstruindo-o, pela interpretação, momento em que incorpora a ele o seu próprio ponto-de-vista.. 2° **sujeito pragmático operador da recepção comunicativa**: sujeito competente e predisposto a receber a ação de comunicação. 3° **sujeito destinatário-manipulado** aquele que aceitou o contrato feito com o enunciário no ato de comunicação, acreditando no que foi dito. 4° - **sujeito da cognição** : sujeito que possui um saber básico, como competência lingüística, para receber a informação. 5° - **informatário** - aquele que se predispõe a receber a informação 6° **narratório**: entidade discursiva do enunciado, para quem o narrador conta o fato e que pode ser determinado como o publico alvo a quem se destina a revista: cidadão de classe média ou culta, interessado em conhecer a qualidade do produto que adquire, portanto, sujeito adulto e de consciência crítica. 7° **interlocutário**: sujeito com o qual o interlocutor entra em contacto por meio da carta.

Em um nível mais profundo de leitura, o discurso do enunciador serve como objeto modal,( usado para atingir um bem maior, chamado objeto valor) já que seu objeto valor é convencer o enunciário do nível "de mestre" que os operadores da Revista Veja possuem, representados em Nejme. A persuasão torna-se o tema de base do eixo de comunicação entre enunciador/enunciário do discurso em questão.

Dentro do enunciado, o sujeito focalizado como operador das ações é Roberto Emílio Nejme. Seu programa narrativo inicia-se com a identificação que o narrador faz desse sujeito, actorializando-o. Na situação inicial, Nejme está em conjunção com os objetos modais: editor de imagens e fotografias; com 38 anos; com função importante; operário da Veja; capista; mestre em efeitos eletrônicos e disjuncto, no entanto, com a experiência de diretor de cena. Seu querer -fazer manipula o seu dever-fazer profissional, levando-o a realizar a performance. Isso lhe proporciona, empiricamente, um saber-fazer, suficiente para que ele atualize sua competência virtual em dirigir cena, realizando essa performance com tal eficiência que recebeu sanção eufórica da voz enunciativa-narradora e delegada da Revista Veja. Como protagonista Nejme se torna sujeito operador-manipulador das modelos e da equipe que contrata para adjuvante (produtora, assistentes de estúdio, maquiadores e fotógrafo). A situação final é Nejme em conjunção com o produto foto da capa, objeto valor ( o objeto último com o qual se deseja entrar em junção). A dificuldade em conseguir o objeto desejado é visto como sujeito oponente figurativizado em: o número de pessoas fotografadas ( trinta ) jovens; o piscar; o mexer o cabelo; o sair da posição; bem como os sujeitos implícitos vaidade e concorrência dessas jovens como modelos, em começo de carreira.

Em um nível mais profundo de leitura, notamos a busca do objeto valor "perfeição" por parte do protagonista. Não lhe basta realizar sua performance, mas sim, realizá-la, com arte de mestre. Para tanto, o refazer iterativo, demonstra a dificuldade do mesmo, figurativado no passar do tempo ( seis horas) e no grande número de fotos feitas ( cem). O produto final que busca, não é uma simples capa, mas sim, uma capa perfeita e artística.

É lógico que esse trabalho é uma pequena amostra de como a semiótica pode auxiliar o professor a dar uma competência discursiva mais contundente ao seu aluno. É



preciso, no entanto, ter coragem para iniciar esse trabalho. Os resultados, porém, não de servir como sanção eufórica par o próprio professor .

**RESUMO:** A semiótica greimasiana é um instrumento precioso para o professor em sala de aula, a fim de proporcionar ao seus alunos uma competência em construir/desconstruir sentidos. Este trabalho pretende dar noções básicas a quem deseja servir-se pedagogicamente dessa teoria, ao separar os sujeitos da enunciação e do enunciado.

**PALAVRAS-CHAVE:** semiótica greimasiana; enunciado, enunciação, signo.

ANEXO.

#### Carta ao leitor

##### Ele virou diretor de cena

O editor de imagens Roberto Emílio Nejme, 38 anos, tem uma função de grande evidência em VEJA. Na revista há quatro anos, onde trabalhou primeiramente como editor de fotografia, é ele a pessoa encarregada, entre outras coisas, de conceber e realizar a capa da revista. Capista, como se diz no jargão da profissão. Ser capista significa escolher a melhor forma de representar graficamente o conteúdo do principal assunto de cada edição. É uma tarefa simples de descrever e difícil de desempenhar. Às vezes, a melhor solução para produzir uma boa capa é dar o recorte adequado a uma fotografia objetiva: uma cena de guerra, uma imagem de bate-boca entre políticos etc. Em outros momentos, o mais adequado é recorrer a efeitos eletrônicos e truques de computador, e nisso Nejme é um mestre. O segredo é saber que recurso usar a cada edição de forma que a capa seja um retrato fiel do conteúdo da reportagem.

Na semana passada, o homem que movimenta pixels na tela de seu computador teve de se comportar como se fosse diretor de cena. E que cena! Em vez do mouse e do teclado, Nejme comandou mais de trinta garotas que foram levadas ao estúdio para ilustrar a reportagem de capa desta semana, que trata da vida e dos desafios das modelos em começo de carreira. "Se fotografar uma pessoa ou duas já é trabalhoso, imagine fotografar trinta", diz o editor. Como se tratava de um trabalho complicado, Nejme contratou uma equipe maior do que o de costume para auxiliá-lo. Seis pessoas no total: uma produtora, dois assistentes de estúdio, dois maquiadores e o fotógrafo Pedro Rubens. "O mais complicado quando se faz uma fotografia com tanta gente junta é que, quando o flash dispara, sempre um grupo pisca, outro mexe o cabelo e uma ou duas pessoas resolvem sair da posição. Então, é preciso fazer tudo novamente", explica Nejme. Para este trabalho, que levou seis horas para ficar pronto, foram feitas 100 fotos.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:** a metalinguagem deste texto pode ser mais explicitada, com a seguinte consulta: GREIMAS, A J et J Courtés: *Dicionário de Semiótica*. S.Paulo, Cultrix, 1989.